

## LES237 – ESALQ/USP 2019

### A1 – O positivismo nas aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen (LOWY, 1994)

Anne Sophie Tandonnet

Felipe Teodoro - 9514681

Isadora Queiroz - 8031757

Jenifer S. Maschietto Ferreira - 10754827

Maria Tabacchi - 11437241

Mariana Domingues - 10754869

Michel Löwy, sociólogo brasileiro de projeção internacional, aborda em seu livro “As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen” a concepção positivista para construir um modelo objetivo para as ciências humanas. A perspectiva de Löwy para tal estudo se funda na sociologia crítica do conhecimento. O autor evidencia que as concepções positivistas nas ciências sociais ignoram a construção histórica-social do conhecimento. Assim, o positivismo se funda nas premissas segundo as quais leis naturais regem a sociedade, que pode ser estudada pelos mesmos métodos das ciências da natureza. Nesta ótica, o cientista social deve ter uma postura neutra, livre de julgamento de valor.

O positivismo nasce como uma corrente filosófica inspirada no iluminismo na França no início do século XIX, em meio às turbulências geradas pela Revolução Industrial (com a explosão demográfica dos centros urbanos). O pensamento positivista propõe formular leis naturais para explicar o funcionamento da sociedade, postulando que a ciência é a única forma de obter conhecimento verdadeiro. O positivismo se inspira no ideal de progresso contínuo ordenado da sociedade, o que influenciou muitos intelectuais brasileiros, chegando ao ponto da inscrição do lema positivista de “Ordem e Progresso” na bandeira do Brasil.

Os primórdios do positivismo podem ser encontrados em Marquês de Condorcet (1743-1794), filósofo francês do século XVIII, contemporâneo à Revolução Francesa. Influenciado por ideais desta última, seu pensamento tem caráter utópico-crítico. Seu principal objetivo, associado a sua concepção de ciência social, era lutar contra as “verdades” do Antigo Regime. Ao livrar as ciências sociais dos “interesses e paixões”, o enciclopedista objetiva quebrar a dominação das ordens feudal e absolutista.

O filósofo constrói seu pensamento com base nas ciências naturais, principalmente em razão de sua admiração pela exatidão da matemática. Para o autor, leis naturais regem a vida social, “leis gerais... necessárias e constantes”. Assim, o estudo da sociedade poderia ter a mesma precisão que o método aplicado às ciências da natureza. Convém insistir que o positivismo de

Condorcet constitui uma arma contra as ideias conservadoras do Antigo Regime.

Discípulo de Condorcet, Conde Saint Simon (1760-1825) foi um pensador francês, nascido em Paris, no seio de uma família aristocrata. Engajou-se na guerra de independência dos Estados Unidos, entre 1779 e 1783. Quando retornou, defendeu a Revolução Francesa como republicano. Desta maneira, abdicou de seu título nobre, sendo favorável a mudar da aristocracia para a meritocracia. Por outro lado, era contra o uso de violência como um método de revolução. Teve oportunidades de estudar e viajar pela Europa a procura de conhecimento, tendo escrito sobre filosofia, política e economia.

Como Condorcet, Saint Simon funda seus pensamentos na ciência natural. Com sua perspectiva naturalista de análise da sociedade, Saint Simon cunhou o termo “fisiologia social”, numa analogia ao funcionamento do organismo humano. Concebendo um mundo governado pelos produtores (engenheiros, cientistas), foi grande defensor da industrialização como meio de progresso econômico e social. Desta forma, criticava a monarquia e a Igreja por aguçarem a desigualdade social, tendo sido um dos maiores filósofos do socialismo utópico. Seu pensamento influenciou muitos filósofos, sobretudo com o “saint simonismo” (PICKERING, 1993).

Auguste Comte (1798-1857) auxiliar de Saint Simon, colaborando com muitos de seus textos. Porém, a perspectiva de Comte difere daquela de Saint Simon. Com efeito, Comte se ampara da mesma concepção de Condorcet e Saint Simon de existência de leis sociais naturais invariáveis para justificar sua posição contra o movimento revolucionário. De fato, Comte defende a nova ordem industrial burguesa com a contenção de ideias revolucionárias negativas que poderiam incitar a anarquia, a subversão ou o caos. Comte dirige portanto seu positivismo a favor da nova ordem industrial, desenvolvendo justificativas para explicar a concentração de capital na nova classe dominante. Assim, propõe que os operários teriam vantagens em se conformar com a condição de submissão aos burgueses industriais, devendo respeitar as leis naturais de concentração do poder e da riqueza. Tal posicionamento provoca a crítica de Karl Marx, que ridicularizou seu pensamento comparando a burguesia industrial aos senhores feudais: “Auguste Comte e sua escola procuraram demonstrar a eterna necessidade dos senhores do capital; eles teriam, tão bem quanto e com as mesmas razões, podido demonstrar a eterna necessidade dos senhores feudais”. Tal crítica revela a grande contradição do positivismo ao prescrever a neutralidade do cientista social. A propósito, Marx defende um materialismo histórico, acreditando que o conhecimento da essência do capitalismo poderia favorecer sua modificação radical em prol de melhores condições sociais para a classe trabalhadora.

No Brasil do século XIX, com pouca tradição científica, o positivismo foi recebido com ânimo entre militares, médicos e engenheiros. Benjamin Constant (militar, engenheiro e estadista brasileiro) foi o maior difusor do positivismo, tendo contribuído profundamente para a implantação da República. A elite intelectual republicana considerava o positivismo como um instrumento perfeito para rejeitar a cultura política imperial, bem como legitimar os interesses da organização militar.

Com a proclamação da república (15 de novembro de 1889), os positivistas influenciaram fortemente a formação do novo regime, suprimindo espaços para grupos antirrepublicanos. Além de sua marca na bandeira brasileira, o positivismo contribuiu para a separação entre Igreja e Estado e para promover reformas na educação. Enfim, muitos feriados nacionais foram estabelecidos com a inspiração positivista visando exaltar a história da pátria e criar um sentimento nacionalista.

### **Bibliografia:**

LÖWY, Michael (1994), **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento, São Paulo: Cortez.

PICKERING, M. (1993), "Auguste Comte and the Saint-Simonians". **French Historical Studies**, 18(1), 211-236.

PORFÍRIO, Francisco. "Auguste Comte"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/auguste-comte.htm>. Acesso em 13 de agosto de 2019.

RUSSI, Ana Claudia Rodrigues (2017), Marxismo e positivismo: uma análise comparativa. **Saberes**: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação, nº 15. Natal: UFRN.